

LEILA APARECIDA BOMFIM

Hematopoieses

A poesia do sangue e a prosa do corpo

Fábrica de cânones

1. E ela acordou no meio da noite

Com uma palavra boiando em sua mente feito peixinho em aquário desconhecido. Sabia que era uma palavra importante. Um daqueles tipos de palavra grávida de onde poderia nascer sentidos novos e interessantes.

Ficou um tempão, com o olhar fixo no teto branco da UTI, onde estava internada há dias sem saber quantos. Queria registrar a palavra, fazê-la desdobrar-se, comunicar algo que a inundava, quando o verso lhe atingiu como faísca: *“Agora tenho um teto só meu/meu caderno de rascunhos/vida e morte se conjugam/no agora”*.

Escavava da memória fugidia com esforço insistente, possíveis significados e complementos para a tal da palavra. Murmurava. Balbuciava. Soletrava seus fonemas. Queria formar uma frase, um escrito que dissesse alguma coisa do que estava se passando com ela. Mas a palavra dançava efêmera em sua mente.

Dali a pouco, a enfermeira entrou no quarto para lhe tirar o sangue de cada período da noite e do dia. Sabendo exatamente porque a enfermeira estava ali naquela madrugada, estendeu o braço autômata, virando-se para as linhas luminosas que corriam na tela indicando seus batimentos cardíacos, frequência da respiração, pressão arterial entre seus sinais vitais. Lembrou-se das linhas entrecortadas das estradas que desde a infância lhe despertaram a curiosidade sobre os sinais que indicavam algo também. Nesse interim a palavra se perdeu no abismo de sua consciência sonâmbula.

Dias depois a médica contou-lhe que prescrevera remédio para dormir porque havia passado três dias e noites desorientada. Em vigília falava coisas *sem sentido* lhe dizia.

A médica não se deu conta do quanto ela estava lúcida e desesperada em seu esforço para criar ou recobrar sentidos para o que estava vivendo naquele momento.

2. E ela acordou no meio da noite

Sentindo cheiro de diesel invadindo seu quarto que balançava suavemente, como se tivesse no embalo de um caminhão percorrendo uma longa estrada.

Ainda meio dormindo, meio acordada, no breu do quarto deu-se conta dos acontecimentos da infância que lhe conduziam.

Estava no alto da boleia do Mercedes Benz laranja que seu pai dirigia com o olhar fixo no asfalto. Acordou meio tonta. Não fazia ideia quando adormecera, só sabia que era dia claro. Em sua retina permanecia o retão da BR 116 com as paralelas que se encontravam em um horizonte que nunca alcançava. Não fazia ideia tampouco de quanto tempo permaneceu dormindo. A noite chegou de repente envolvendo toda a paisagem numa escuridão tão repentina quanto misteriosa. Não havia lua, não havia estrelas. Meio zozna, olhos entreabertos, foi atraída pelo tracejado de linhas brancas fosforescentes nas laterais da pista reta. Eram linhas uniformemente entrecortadas que quase se juntavam ao correr mais veloz que os enormes pneus no caminhão. Curiosa perguntou ao seu pai porque cargas d'água a estrada tinha aquelas linhas brancas entrecortadas brilhantes do lado se o motorista olhava sempre à sua frente enquanto dirigia. Gostava de fazer perguntas ao seu pai quando viajavam no caminhão porque, diferente de quando estava em casa, ele tinha o maior prazer em responder e esticava o assunto com ares de sabichão.

E, de fato, com um sorriso maroto no canto da boca a resposta estava lá na ponta da língua: estas linhas não deixam o motorista sair da estrada em noites escuras como esta. Elas indicam e orientam a largura da pista por onde você pode andar com segurança sem sair da pista e cair em barrancos.

A menina de 11 anos, satisfeita com a resposta silenciou pensativa.

Quando, já adulta, acordava assustada no meio da noite com sonhos recorrentes e esquisitos nos quais perdia a visão, ficando cega por completo e de repente quando dirigia ou andava em lugar desconhecido. Atordoada procurava o tracejado das linhas brancas que pudessem lhe orientar na escuridão. Aos poucos as linhas entrecortadas luminosas emergiam ao seu lado como sinais, tirando-lhe devagarinho da cegueira repentina.

3. E ela acordou no meio da noite

Com a presença silenciosa da enfermeira na UTI anotando os sinais vitais que se iluminavam na tela da máquina ruidosa ao lado da cama. Memórias profundas e pensamentos importantes lhe tomaram naquele instante sentindo urgência de anotá-los também.

Pediu à enfermeira um papel e caneta. A moça recusou atender seu pedido dizendo que era hora de estar dormindo. Comandou séria e com firmeza que ficasse quieta para vir o sono como se desse ordens à uma criança pequena. Mas ela insistiu no pedido, argumentando que lembrara de algo muito importante e precisava escrever para comunicar ao filho.

Intuíva apreensiva que não conseguiria mais falar quando amanhecesse o dia.

Lembrou que não passara todas as senhas do banco e as coisas que precisava acertar. Queria deixar registrado para o filho para facilitar o trâmite das coisas em sua ausência. Mas seu íntimo dizia mais alto que não eram as senhas que, na verdade, queria deixar registrado, e sim algo inexplicável e vital que extravasava em seu peito e que seria perdido caso não acordasse na manhã seguinte.

A contragosto a enfermeira atendeu seu pedido.

Enchera a folha sofregamente, frente e verso, com a sensação que ainda não conseguira dizer tudo o que queria. Será que conseguimos dizer tudo o que sentimos? Enfiou a folha no meio do livro e o colocou embaixo do travesseiro.

Foi a noite mais longa que viveu naquela UTI. Não pregou os olhos em posição de guarda, até que o dia amanhecesse para pedir a enfermeira que entregasse o livro com a folha escrita a seu filho.